

HISTÓRIA ORAL X TRADIÇÃO ORAL: UMA EXPERIÊNCIA COM CRIANÇAS AFRO-BRASILEIRAS

Márcia Evelin de Carvalho
Mestranda em Letras – UFPI

RESUMO

Introdução:

O trabalho pretende abordar a metodologia experimental utilizada nas duas primeiras etapas da minha pesquisa de mestrado em Letras – pela Universidade Federal do Piauí, intitulada “*Tradição oral e literatura: os laços de uma matriz cultural africana em crianças brincantes dos Conguinhos, em Oeiras – PI*”, orientada pelo Prof. Dr. Diógenes Buenos Aires de Carvalho e co-orientada pela Prof^a. Dr. Áurea da Paz Pinheiro.

Metodologia:

A metodologia utilizada, com crianças de 7 a 14 anos, brincantes do grupo mirim dos Congos, os Conguinhos, constou de entrevistas, com o uso da História Oral, em que foram entrevistados por mim e entrevistadores dos mais velhos da comunidade, e da Roda Griô, para troca de experiências e histórias da tradição oral da comunidade em que vivem. A pesquisa foi fundamentada pela teoria literária da Estética da Recepção, postulada por Jauss (1994) e seguiu as etapas do método recepcional, proposto Bordini e Aguiar (1993).

Resultados:

Essa primeira fase da pesquisa possibilitou-me determinar e atender seus horizontes de expectativas, bem como investigar de que modo se dá a recepção das narrativas da tradição oral, por estes meninos, mediadas pelo contador de histórias da comunidade, como contribuição para uma afirmação identitária e fortalecimento dos laços de uma matriz cultural africana em suas vidas.

Conclusão:

Com o uso da História Oral, como co-pesquisadoras, as crianças dos Conguinhos aprenderam a ter responsabilidades desde cedo, a serem solidárias e passaram a compreender e valorizar a experiência dos mais velhos e da tradição oral da comunidade em que vivem.

PALAVRAS-CHAVE: Estética da Recepção, História Oral, Identidade Cultural, Memória, Contação de Histórias.

HISTÓRIA ORAL X TRADIÇÃO ORAL: UMA EXPERIÊNCIA COM CRIANÇAS AFRO-BRASILEIRAS

Felizes as pessoas que têm algo a contar, pois elas, não se deixaram brutalizar pelo consumismo, pela futilidade, pela pobreza de experiência. Pobreza esta que põe em risco a existência e a perpetuação das narrativas.

Walter Benjamin

Tudo estava pronto: o roteiro das entrevistas, as notas de orientações para o diário de campo, o gravador, a máquina fotográfica, a filmadora...e o principal: os atores selecionados para a minha pesquisa, os meninos brincantes do ritual dos Congos, maior manifestação cultural de origem africana do bairro do Rosário, em Oeiras – PI.

Fundamentada pela teoria literária da Estética da Recepção, postulada por Hans Robert Jauss, em 1967, que privilegia o receptor de narrativas e seus “horizontes de expectativas”, marcado por suas vivências pessoais, culturais e sócio-históricas, adotaria o método recepcional utilizado por Bordini e Aguiar (2006), baseado nas sete teses de Jauss (1994). Esse método possibilitar-me-ia, num primeiro momento, determinar e atender os horizontes de expectativas destes meninos, utilizando-me de entrevistas, com a metodologia da História Oral e da Roda Griô, uma roda de histórias para troca de experiências entre gerações, a fim de investigar como aconteceria a recepção destas narrativas por eles.

Porém, uma dúvida pairava sobre a minha cabeça. Como fazer entrevistas, usando o método da História Oral, com crianças tão pequenas? Será que elas não ficariam enfadadas ao responder a tantas perguntas? Como usar as entrevistas para que as crianças saíssem em busca das histórias da tradição oral contadas pelos mais velhos de sua comunidade, a fim de atender a seus horizontes de expectativas? Resolvi usar a minha imaginação e pensar numa forma de fazer com que o momento das entrevistas fosse vivido com bastante ludicidade e prazer pelas crianças.

Recorro a Thompson (1992, p.218) para conhecer algumas idéias de projetos de História Oral com crianças. Para o autor, um projeto de História Oral com crianças promove o debate e a cooperação, além de ajudá-las a “desenvolver suas habilidades lingüísticas, um sentido de evidência, sua construção social e aptidões mecânicas”:

Todo projeto de História Oral deve ajudar as crianças no sentido de uma apreciação muito mais aguda da natureza da evidência, pois estarão diretamente envolvidas em sua coleta. (...) ao coletar narrativas e memórias sobre como as pessoas viviam no passado, (...) sobre as brincadeiras das crianças e as mudanças da paisagem – por mais primitivas que possam ser suas técnicas de entrevista e de gravação -, as crianças estão coletando evidências. Ao mesmo tempo, acabam se envolvendo criativamente em sua avaliação. Enfrentam questões fundamentais: quando confiar numa informação ou duvidar dela, ou como organizar um conjunto de fatos.

Estimulada por esses esclarecimentos, veio-me a idéia de criar um projeto de História Oral diferente: a simulação de um programa de TV em que as crianças fossem entrevistadas como celebridades, assumindo a sua própria identidade, bem como de tornarem-se

entrevistadores dos mais velhos da comunidade, em busca de suas origens e da tradição oral de seu povo. Tratava-se de uma metodologia experimental com o método da História Oral.

De início, marquei um encontro com as crianças brincantes dos Conguinhos, a fim de convidá-las para serem co-pesquisadoras e explicar a elas o propósito da pesquisa. Inspirei-me ainda na Sociopoética, corrente filosófica criada por Jacques Gauthier (1999), ao pensar em torná-las co-pesquisadoras, implicando na partilha das experiências de cada um na construção do conhecimento.

Numa linguagem simples, falei um pouco de mim como contadora de histórias, que faz uso de narrativas literárias, do meu interesse em pesquisar narrativas da tradição oral e sobre o porquê de tê-los escolhido.

Foi necessário conceituar tradição oral para as crianças, o que me fez buscar as falas de historiadores e especialistas no assunto, ao qual fiz as adaptações devidas para um fácil entendimento por parte delas.

Para Freitas (2006, p.20), a tradição oral é um dos gêneros em que a História Oral se divide, ou seja, um dos campos de pesquisa em que pode ser útil. Para a autora, a tradição oral pode ser identificada e recuperada em sociedades rurais e urbanas pela metodologia de História Oral “(...) as cantigas de roda, brincadeiras e estórias infantis são transmitidas oralmente, de geração para geração. (...) Além disso, a tradição inclui os depoimentos como as crônicas orais de um reino, genealogias, literatura oral, etc.”

Alberti (2004, p.26-27), esclarece que entrevistas de História Oral podem transmitir tradições culturais, que vão surgindo à medida que o entrevistado delas se lembra. A autora ainda faz a distinção entre tradição oral e História Oral: “(...) a primeira incluiria narrativas sobre o passado universalmente conhecidas em uma cultura, enquanto o testemunho ou a entrevista de História Oral se caracterizaria por versões que não são amplamente conhecidas”. Entretanto, a autora esclarece que “tradição oral e História Oral têm bastante proximidade, principalmente se tomarmos as entrevistas como ações (ou narrações), e não somente como relatos do passado”:

A tradição oral é definida como um testemunho transmitido oralmente de uma geração à outra. Suas características particulares são o verbalismo e sua maneira de transmissão, na qual difere das fontes escritas. Devido à sua complexidade, não é fácil encontrar uma definição para tradição oral que dê conta de todos os seus aspectos. (ALBERTI, 2004, p.158).

Quanto à escolha da cidade de Oeiras, no Piauí, especificamente do bairro do Rosário, para realizar a pesquisa, faço uso das palavras de Sousa e Lima (2008, P.191) para me

justificar. Para os autores, a cidade de Oeiras “apresenta uma particularidade: abriga um bairro predominantemente habitado por descendentes de escravos e libertos (...)”:

A presença negra se funde com a paisagem do marco inicial da cidade. Erguido num elevado, sob a proteção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, o bairro, no início, se destinou ao domicílio dos inacianos e, posteriormente, dos governadores da capitania. (...) Ainda nos oitocentos, os moradores ilustres desceram para a chamada cidade baixa, onde foi construída a capela para Nossa Senhora da Vitória. A partir de então o Bairro do Rosário se tornou moradia para os trabalhadores escravizados e forros, sendo os domicílios dos escravos senzalas apartadas da casa senhorial. (SOUSA e LIMA, 2008, p.192).

Acredita-se que o fato do Bairro do Rosário ser habitado predominantemente por descendentes de escravos e libertos contribui para que haja uma maior ancestralidade de origem africana, que tem sua força máxima nos brincantes do ritual dos Congos, realizado por crianças e adultos do bairro, do sexo masculino.

Na minha fala inicial, com os meninos dos Conginhos, deixei claro que a escolha do grupo se deu a partir do momento em que assisti ao documentário etnográfico *Congos: ritmo e devoção*, dirigido por Áurea Pinheiro e Cássia Moura, em 2009¹. O fio condutor do filme são os Congos de Oeiras. Alguns meninos do bairro são personagens da narrativa por fazerem parte dos “Conginhos de Oeiras”, onde aparecem dançando e cantando, o que nos apresenta suas impressões sobre o ritual em celebração a São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, santos de devoção negra. Vê aqueles meninos entre sete e quatorze anos, preocupados em manter uma tradição, como continuidade de uma manifestação cultural herdada de seus pais e avós com tanto entusiasmo e o fato do grupo está inserido numa comunidade de afro-brasileiros (um dos focos de meu interesse) motivou-me a querer conhecê-los e ouvir deles suas histórias, bem como as histórias dos mais velhos do Congo, procurando nelas uma afirmação identitária de matriz africana, a fim de poder contribuir com o fortalecimento e ampliação de seus horizontes culturais.

Dom Juarez, bispo de Oeiras, um dos entrevistados pelas documentaristas no livro “Celebrações”, assim se expressa:

(...) a dança dos Congos, (...) tem um grande valor, tanto do ponto de vista religioso, como cultural porque (...) representa o resgate da cultura negra, da sua fé, isso é muito importante também para os nossos dias, não são apenas

¹ O documentário etnográfico *Congos: ritmo e devoção* foi produzido via edital do Programa Monumenta/IpHAN, do Ministério da Cultura, com financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e apoio técnico da Unesco.

devoções, mas são espaços de manifestação de fé, dos anseios de liberdade (...) (PINHEIRO; MOURA, 2009, p.102).²

As documentaristas afirmam na mesma obra que “essa manifestação cultural possibilita aos afro-brasileiros atualizarem suas memórias e constituírem laços de identidade” (p.105)

Aceito o convite para participarem da pesquisa como co-pesquisadores, marquei com os meninos dos Conguinhos a primeira oficina de produção. Nessa oficina, brincamos de criar o programa de TV, fizemos uso da História Oral e estabelecemos regras e metodologia a serem utilizadas por nós.

Fui atrás, mais uma vez, de alguns conceitos da Sociopoética, a fim de enriquecer a escolha da metodologia adotada, já que essa corrente filosófica recorre às técnicas artísticas que propiciam o emergir do imaginário. Para Gauthier (1999, p.54) a “criatividade artística toca esses núcleos inconscientes, até (...) movimentá-los em sentidos inesperados, ainda não explorados”.

Houve a necessidade de dar um nome para o programa e de escolher e distribuir entre os meninos os vários papéis, como: iluminador, câmera man, montagem de cenário e figurino, dentre outros, num sistema de rodízio das funções propostas. Foi acordado, entre as partes, que eu faria as entrevistas inicialmente, para que eles pudessem observar os procedimentos adequados, já que, numa segunda etapa, eles iriam entrevistar os adultos do grupo de Congos de Oeiras e outros moradores da comunidade.

As entrevistas para determinação dos horizontes de expectativas das crianças foram distribuídas em três blocos de assuntos: “QUEM SOMOS NÓS”; “O LUGAR EM QUE VIVEMOS” E “NÓS E OS CONGOS”. Para cada um desses blocos elaborei algumas perguntas, que poderiam ser reelaboradas pelas crianças. Combinamos que, mesmo sendo uma brincadeira, os entrevistados deveriam assumir seus papéis com responsabilidade e serem verdadeiros em suas respostas. O cenário, as vestimentas e os lugares em que as entrevistas aconteceram foram escolhidos por eles. Coube a mim oferecer-lhes alguns objetos como adereços, papéis, lápis de cor, cola e outros materiais que ajudaram na confecção dos cenários.

Na primeira oficina de produção, gravamos o primeiro bloco do programa. Antes de começarmos cada uma das oficinas, fazíamos exercícios de sensibilização ou relaxamento, em que as crianças eram convidadas a viajarem pela imaginação, estabelecendo associação com o

² O livro *Celebrações* foi também produzido via edital do Programa Monumenta/Iphan, do Ministério da Cultura, com financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e apoio técnico da Unesco.

tema a ser trabalhado. Essa atividade possibilitou aos pequenos co-pesquisadores se soltarem das amarras do dia-a-dia e assumirem uma postura mais libertária.

Para Jacques Gauthier (1999, p.53) esse relaxamento permite uma baixa dos níveis de controle do consciente favorecendo que expressem “os saberes enterrados e imersos, os ventos raros, as lavas congeladas pela história coletiva e individual”.

(...) ele integra os participantes no grupo e facilita a emergência de imagens subconscientes. Esse relaxamento é importante, pois na Sociopoética pretendemos trabalhar também com os conhecimentos sociais e individuais esquecidos, recalçados, inscritos na profundidade do corpo ou na superfície da pele. (GAUTHIER, 2001, p.24).

A primeira e a terceira oficinas de produção aconteceram na sede do Ponto de Cultura do Bairro, local onde o grupo desenvolve atividades lúdicas educativas, como aulas de percussão, capoeira, escotismo e ensaios dos Conguinhos.

Por ter como tema central O LUGAR EM QUE VIVEMOS sugeri que a segunda oficina de produção acontecesse durante um passeio pelo Bairro do Rosário, onde paramos em alguns lugares, escolhidos por eles, para gravarmos as entrevistas.

A escolha desses lugares pelas crianças foi de fundamental importância já que os lugares estão impregnados de lembranças e simbologias e de certa forma marcam os espaços de pertencimento das crianças como um lugar de memória, contribuindo para que se sintam mais a vontade para falarem. A voz poética de Busatto (2006, p. 79-80) enlaça bem este momento:

Ouvir histórias atiga algo que foi esquecido pela urgência da modernidade, por não ser mais experienciado, e do qual se foi separado, talvez sem saber, e lançado nas brumas do tempo com venda nos olhos, preocupado apenas em estar-na-ação, e nunca fora-da-ação, acionando outras formas de ver. A escuta flutuante é um fora-da-ação. Uma senda que conduz à dimensão do sagrado. Essa atitude de quietude interna, silêncio interior, de se deixar levar pelo embalo dos contos pode proporcionar um contato com o vazio que tudo contém, com o silêncio que traz significações. Pode-se chamar isso de êxtase, tao, self. Seja qual for o nome que se atribui a essa vivência, o que faz sentido é que ela conduz ao centro e proporciona, mesmo que seja por segundos, a certeza de que se faz parte de algo muito maior que a realidade visível. Proporciona um alento para o espírito e uma confortável sensação de estar bem, feliz e em paz. É algo que só é possível sentir, nunca descrever. E quem a viveu bem sabe, e todos um dia já sentiram isso, mesmo que seja por um instante, um instante só.

Para Nora (1981, p. 21), os lugares de memória são “com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente. (...) só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica.

Concluído os três primeiros blocos do programa, nas oficinas de produção, passamos para a segunda parte em que os co-pesquisadores assumiram os papéis de repórteres, responsáveis por entrevistarem os adultos dos Congos e outras pessoas mais velhas da comunidade que exerciam algum vínculo com o grupo, a fim de proporcionar o atendimento de seus horizontes culturais. Combinamos previamente que poderiam usar o modelo de entrevistas que usei com eles, podendo ser feitas as alterações que achassem necessárias ou poderiam criar novas entrevistas, tendo como principal objetivo conhecerem as histórias, lendas, músicas e brincadeiras da infância dos entrevistados, bem como as histórias da tradição oral sobre o mito fundador da cidade que guardavam na memória.

Oliveira (2004, p.275) em pesquisa referente ao diálogo entre gerações na produção de uma cultura do cotidiano nos fala como para os mais velhos as crianças são fonte de renovação. Para o autor, essa convivência contribui para que os mais velhos abram-se “para uma nova atuação e para uma nova compreensão das injustiças da vida. Redescobrem dentro de si um vigor que já imaginavam perdido; redefinem modos de agir e de pensar”.

Para Thompson (1992, p.219), as crianças podem desenvolver vários tipos de habilidades no decorrer do processo do trabalho com História Oral, pois “assim que tenham começado a entrevistar, pode ser muito forte o desejo de descobrir mais coisas de outras fontes. Para o autor, elas aprendem por meio de toda uma série de técnicas e não só da atividade de entrevistar. Thompson ressalta que o trabalho com entrevistas:

(...) pode oferecer ajuda importante no desenvolvimento de habilidades lingüísticas, tanto em relação à linguagem escrita quanto à falada. Antes das entrevistas, as crianças têm que debater em conjunto qual a melhor redação das perguntas que deverão fazer. (...) Quando estiverem entrevistando, têm que aprender a escutar os outros e captar exatamente o que querem transmitir. Isso exige intensa concentração. (...) Ao mesmo tempo, ao entrevistar, ou ao serem elas próprias entrevistadas, as crianças adquirem confiança em expressar-se por palavras (THOMPSON, 1992, p. 219).

O autor ainda salienta que também são adquiridas pelas crianças habilidades técnicas no manejo com os gravadores, máquinas fotográficas e filmadoras, além da experiência nas transcrições das entrevistas, bem como habilidades sociais básicas. “Por meio das próprias entrevistas, as crianças podem desenvolver algo do tato e da paciência, da capacidade de comunicar-se, de escutar os outros e de fazê-los sentir-se à vontade, o que é tão necessário para conseguir obter informações” (THOMPSON, 1992, p.220).

A partir desse ponto da pesquisa o meu papel passou a ser o de orientá-los na elaboração das entrevistas e na ajuda da escolha dos lugares onde aconteceriam, além de

observar suas participações nas atividades, fazendo as anotações devidas no meu Diário de Campo.

O Diário de Campo é uma ferramenta importante que tem por função revelar a trajetória da pesquisa, os caminhos trilhados na tentativa de apreensão do objeto-tema investigado. A criação de um Diário de Campo Coletivo das crianças, além do meu, em que registrassem, a cada dia, suas impressões sobre as entrevistas e atividades produzidas nas oficinas foi de grande valia. Nele, os co-pesquisadores poderiam anotar o que sentiam, o que pensavam, o que guardavam de uma teoria, de uma conversação, enfim aquilo que colaborasse para dar sentido às suas vidas.

Com o uso da História Oral, como co-pesquisadoras, as crianças dos Conguinhos aprenderam a ter responsabilidades desde cedo, a serem solidárias e passaram a compreender como a experiência dos mais velhos pode ser importante para conhecerem a si mesma, mesmo havendo uma diferença de geração significativa entre entrevistado e entrevistador.

Alberti (2004, p. 105) fala sobre essa relação entre gerações diferentes na entrevista

É possível que o depoente identifique seu interlocutor com um neto, ou uma neta, passando a construir seu discurso como se estivesse ocupando um papel de avô: explica minuciosamente cada detalhe, imprime um tom didático às suas respostas, cuida para que o entrevistador aprenda algo sobre o mundo através da larga experiência de vida que ele próprio carrega.

Para as entrevistas com as crianças e com os adultos dos Congos de Oeiras foram gastos cinco encontros ou oficinas de produção, transformados em programas de TV. No sexto encontro criamos a I Roda Griô, um encontro entre os mais novos e os velhos do bairro, para troca de experiências e fusão dos horizontes de expectativas de ambos. As crianças e adultos contaram às histórias que ouviram de seus pais e/ou avós, brincantes dos Congos ou não, bem como as cantigas de roda e outras manifestações da tradição oral, citadas nas entrevistas, usando a oralidade.

O nome Roda Griô foi escolhido em homenagem aos griôs, como são chamados os contadores de histórias da tradição oral nas sociedades africanas. O griô é o indivíduo encarregado de resguardar e transmitir as histórias, lendas e canções de seu povo passando a tradição de pai para filho.

Assim, consegui cumprir as primeiras etapas da pesquisa de campo, com os meninos dos Conguinhos, usando o método recepcional, determinando e atendendo os horizontes de expectativas dessas crianças, ao unir o conteúdo das entrevistas, com o uso da História Oral e o momento de contação de histórias e brincadeiras vivenciadas pelas crianças e adultos da comunidade na Roda Griô. O projeto também favoreceu a confirmação da importância da

memória dos mais velhos, através de suas narrativas, agindo como mola mestra para a continuação da tradição oral da comunidade estudada, ressignificada pelas crianças brincantes dos Conguinhos.

Referências:

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____. **Ouvir contar**: textos em História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral**: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

GAUTHIER, Jacques. **A Sociopoética**. Rio de Janeiro: Editora EELAN-UFRJ, 1999.

_____. A Sociopoética: caminho pela desconstrução da hegemonia instituída na pesquisa. In: **Uma pesquisa Sociopoética**: o índio, o negro e o branco no imaginário de pesquisadores da área de educação. Florianópolis: UFSC/NUP/CED, 2001.

NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC – S.P. São Paulo, 1981.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. Avós e netos nas classes populares: a recusa de não se sentir em lugar algum e a redescoberta de novo projeto de vida. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (org.). **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2004.

PINHEIRO, Áurea e MOURA, Cássia. *Celebrações*. Congos: ritmo e devoção. Teresina: Educar artes e ofícios, 2009. Livro e documentário produzidos via edital do Programa Monumenta/Iphan, do Ministério da Cultura, com financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e apoio técnico da Unesco.

SOUSA, Talyta Marjorie Lira e LIMA, Solimar Oliveira. Tecendo negritudes: memórias e representações da afrodescendência no bairro do Rosário, em Oeiras, Piauí. In: LIMA, Solimar Oliveira (org.). **Sertão Negro: escravidão e africanidade no Piauí**. Rio de Janeiro, Booklink, Teresina: Matizes, 2008.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: **História geral da África**. São Paulo: Ática, Paris: UNESCO, 1982, v. 1.